

Resenha do Livro “Audiovisualidades: elaborar com Foucault”

Vívian de Nazareth Santos CARVALHO¹
Universidade Federal do Pará (UFPA)

MILANEZ, Nilton. (2019). *Audiovisualidades: elaborar com Foucault*. Londrina: Edel; Guarapuava: Ed. Unicentro.

Quais são as regras de formação para os discursos das audiovisualidades? Que objetos se levantam em direção à constituição de um filme? Estas são algumas questões que o livro “Audiovisualidades: Elaborar com Foucault” traz ao leitor. A obra, lançada em 2019, e de autoria de Nilton Milanez, parte dos postulados teórico-metodológicos presentes em “A Arqueologia do Saber” (2008), de Michel Foucault, para pensar as audiovisualidades e, por meio delas, compreender aquilo que somos, como nos organizamos e o que nos torna sujeitos no presente.

Audiovisualidades, como o autor explica na introdução, é um termo que já nasce plural. Elas são fatos históricos, que possuem um tipo de organização específica, e que refletem aquilo que somos. Neste livro, Milanez entrega análises minuciosas das audiovisualidades presentes no filme norte-americano *Cisne Negro*; no curta-metragem paraense *Matinta*; nos vídeos brasileiros de declaração de amor que trazem como marcação a *tag gay* disponíveis no *Youtube* e em um conjunto de filmes espíritas brasileiros. O autor se ocupa em compreender as táticas cinematográficas, as estratégias fílmicas, os campos enunciativos e as condições de possibilidades históricas que permitiram a um regime de audiovisualidades mostrar determinados discursos ao invés de outros.

Nilton Milanez já tem uma carreira sólida em pesquisas que observam o cinema sob as lentes dos estudos do discurso com Michel Foucault. Há várias obras organizadas por ele e de sua autoria que problematizam questões em torno dessa temática. Como, por exemplo, os livros: “Espaços, corpos e subjetividades insólitas e horríficas na literatura e no cinema” (MILANEZ; BARROS-CAIRO; GAMA-KALIL, 2015), “Sujeito e Audiovisual: análise do Discurso Fílmico” (MILANEZ; PRATES; LUZ, 2013) e “Discurso e Imagem em Movimento: o Corpo Horrífico do vampiro no trailer”

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará (PPGL-UFPA). Integrante do GEDAI -Grupo de Estudo Medições, Discurso e Sociedades Amazônicas.

(MILANEZ, 2011). “Audiovisualidades: Elaborar com Foucault” é, portanto, mais uma obra em que Milanez traz temas candentes e necessários para todos os analistas do discurso que pesquisam sobre objetos audiovisuais, principalmente, no que tange à importância da compreensão do termo *audiovisualidades*, que o autor se preocupa em explicar ao longo de todo o livro.

Desde a introdução e nos cinco capítulos subsequentes, o autor apresenta um panorama importante dos modos como as audiovisualidades podem ser analisadas. Ele toma os postulados arqueológicos de Foucault e os relaciona a uma rede de outros conceitos do filósofo francês, como a noção de geografia, presente na “Microfísica do Poder” (1985), e as problematizações formuladas em “O Nascimento da Clínica” (1994), que Milanez desloca, aqui, para o cinema. A categoria analítica da intericonicidade, proposta pelo autor Jean-Jacques Courtine (2013), e a noção de intersonoridade, desenvolvida pelo próprio Milanez, juntam-se ao arsenal teórico-metodológico de que o autor se mune para analisar as audiovisualidades presentes no livro.

Logo no início, aparece uma explicação sobre a importância do corpo para o estudo dos objetos das audiovisualidades. “O corpo é o ponto zero” (MILANEZ, 2019, p. 23). É quem define os modos de aparecimento de um discurso, mesmo que este corpo “não esteja em cena e exista apenas na prática por trás das câmeras” (MILANEZ, 2019, p. 24). Como explica o autor, o corpo é imagem, na medida em que “as imagens do corpo na história do dia-a-dia se materializam nas formas e nos modos de ver o corpo” (MILANEZ, 2019, p. 18) nas audiovisualidades.

O corpo é materialidade, “pois tem seus contornos, ainda que nem sempre definíveis” (MILANEZ, 2019, p. 19). O corpo é som. “Cada barulho de um passo, mais forte, mais fraco, mais rápido ou de cautela, corresponde uma intervenção da história com aquilo que se diz fictício em uma produção fílmica” (MILANEZ, 2019, p. 20). Nas análises audiovisuais é imprescindível, portanto, observar os modos como o corpo aparece (ou não) em cena.

O segundo capítulo traz uma análise do filme *Cisne Negro*. Este longa norte-americano, dirigido por Darren Aronofsky, foi lançado em 2010. A partir da personagem principal da trama, Nina, o autor observa como o filme coloca em cena práticas que estão ligadas à nossa própria existência e que nos constituem como sujeitas e sujeitos. Um dos discursos que vem à tona no filme de Aronofsky “é a maneira de o sujeito se ocupar consigo próprio, dar atenção a si com vistas a um processo de autofinalização” (MILANEZ, 2019, p. 27).

O autor analisa a busca incessante de Nina, que tem como meta definitiva “enfrentar o seu eu” (MILANEZ, 2019, p. 31). Essa busca, em primeiro momento, se dá em divisão e, depois, por meio de desdobramentos de si. Ao final, com o nascimento do Cisne Negro, que se materializa para fora do corpo da personagem, Nina completa o “seu percurso de si para si, converte-se em si mesma” (MILANEZ, 2019, p. 45). A análise mostra como a odisseia de Nina para adequar-se a si é também a trajetória que empreendemos em nossas próprias vidas. Seguindo os passos de Nina para a composição de si como sujeita, compreendemos que esses passos são também os nossos.

O terceiro capítulo se volta para as audiovisualidades presentes no curta-metragem *Matinta*, dirigido por Fernando Segtowick e lançado em 2010. O filme é inspirado na lenda amazônica da *Matinta Perera*, bastante conhecida pelos paraenses. Trata-se da história de uma mulher idosa que carrega a maldição de se transformar em Matinta. Durante as noites, Matinta bate na casa das pessoas para pegar tabaco. Quando ela está para morrer, pergunta: “quem quer? Quem quer?”, se alguém responder “eu quero”, recebe a maldição de virar Matinta Perera.

Antes de analisar o curta de Segtowick, Milanez, o autor tece observações importantes a respeito das narrativas oral e escrita sobre Matinta. A disposição corporal da protagonista é de uma anciã indígena, questão que faz o autor indagar: “a assombração seria o fato de a velhice atingir o corpo ou consistiria, assim pergunto, na razão de armazenar na longevidade do corpo os mistérios e segredos da vida?” (MILANEZ, 2019, p. 48). O autor pontua, também, que fazer de uma mulher indígena a “Bruxa da Amazônia” traz em suas redes de memórias os estratos históricos do racismo, instituído no Brasil desde a chegada dos europeus, no século XVI. O discurso que se materializa em Matinta associa o indígena à posição do mal.

Em seguida, o autor parte para a análise das audiovisualidades presentes no filme de Segtowick. Assim como em *Cisne Negro*, aqui também observamos o desdobramento de si, já que a protagonista do filme, Walquíria, metamorfoseia-se em Matinta. Milanez observa uma sequência de cenas em que Walquíria se relaciona pelo olhar com o outro, materializado pelo personagem Felício e consigo mesma. Outra sequência de cenas, em que estão em evidência o toque das mãos entre os personagens, explicando como esse gesto leva os indivíduos a se reconhecerem como sujeitos de prazer sexual. E o entrelaçamento entre roteiro, storyboard e filme, que produz os discursos das audiovisualidades que vamos observar em *Matinta*.

Neste capítulo, o autor lança mão do conceito de intericonicidade. Criado por Courtine (2013), a intericonicidade propõe que as imagens que circulam em uma determinada sociedade estão inseridas em redes de memórias visuais, em que estão presentes outras imagens, vistas, sonhadas ou imaginadas por nós. Com base no conceito de intericonicidade, Milanez formula a noção de intersonoridade, que pressupõe que, assim como as imagens, os sons também estão inseridos em estratos históricos que nos remetem a outros sons, que pertencem à nossa memória sonora.

É pela intericonicidade e intersonoridade que Milanez observa que o filme *Matinta* está inserido nas mesmas redes de memórias visuais e sonoras do desenho *Branca de Neve e os Sete Anões*. A cena em que a personagem da bruxa oferece uma maçã à Branca de Neve é “armazenada por nós em um certo grau ao nível do qual não conseguimos nos esquivar” (MILANEZ, 2019, p. 68). A intericonicidade se estabelece entre a personagem Nazaré, do curta-metragem paraense, e a Bruxa do desenho da Disney, já que ambas têm a mesma compleição corporal e evocam as mesmas sensações de ameaça e medo. A intersonoridade se estabelece na pergunta feita por *Matinta*: “quem quer? Quem quer”, que nos faz ressurgir a memória sonora da Bruxa que pergunta à Branca de Neve: “Would you like to try one?” (Você quer experimentar uma?). O autor mostra como o prazer é materializado nas frases ditas por ambas as personagens, e como isso afeta a nossa constituição enquanto sujeitos. Compreendemos neste capítulo, como as audiovisualidades de *Matinta*, uma narrativa que à primeira vista parece local, aponta para marcas comuns a todos nós, mesmo que nunca tenhamos ouvido falar sobre essa lenda amazônica.

As problematizações de Michel Foucault sobre a geografia, presentes na “Microfísica do Poder” (1985), aparecem nas discussões que o autor empreende no quarto capítulo do livro, quando analisa o *Youtube* como um espaço geográfico em que se materializam as audiovisualidades de um amor que quer ser divulgado sob o relevo de uma *tag gay*. Para esta análise, ele agrupou um conjunto disponível, até outubro de 2015, de 14 vídeos de amor entre meninos e 14 entre meninas, desde suas primeiras postagens em 2012 até 2015. De posse dessas materialidades, Milanez parte para responder: o que alavancou o aparecimento de tais vídeos em 2012? O que fez com que se irrompessem com tal elevação em 2014? Estes questionamentos nos revelam que as audiovisualidades estão presas às condições de possibilidades históricas que permitem o aparecimento, ou o silenciamento, das imagens e sons que circulam em uma determinada época.

Neste capítulo, analisam-se não só as audiovisualidades presentes nesse conjunto de vídeos, como também, o número de visualizações, os comentários deixados pelos internautas e as interações por meio dos botões “gostei” e “não gostei” disponíveis em todos os vídeos do *Youtube*. Para o autor, essas interações dos usuários, embora pareçam simples de serem feitas, estão inseridas em “uma política complexa e resulta em um campo de avaliação das condutas, configurando e inscrevendo o sujeito em um manual que exige que ele confesse a sua verdade sobre os temas que ele visita” (MILANEZ, 2019, p. 82).

O gesto do corpo é uma peça fundamental para as audiovisualidades. Milanez observa que o ato de se ajoelhar diante do sujeito amado é uma regularidade nos vídeos. Por que isso acontece? O autor, então, volta o seu olhar para a história, com o objetivo de descobrir como as nossas memórias das imagens fazem ecoar esse ato nos vídeos de amor do *Youtube*. Milanez ainda se debruça em entender as ressignificações de locais institucionalizados, como a rua, a escola, o restaurante e o salão de beleza, que se modificam para se tornarem espaços de declarações de amor nessas audiovisualidades.

Igual atenção é depositada pelo autor às palavras lidas nessas declarações e às trilhas sonoras que às compõem, analisando como essas falas, imagens e sons fazem emergir as memórias de outros filmes e clipes musicais. Como explica, a sua intenção ao analisar esse conjunto de vídeos é compreender os “modos desses sujeitos se mostrarem em uma gama de audiovisualidades. Estou atento, então, na forma como esses sujeitos sexuais olham para si próprios” (MILANEZ, 2019, p. 78).

No quinto capítulo do livro, Milanez analisa as audiovisualidades dos filmes espíritas brasileiros. Faz isso, a partir do conceito de campo enunciativo, problematizado por Foucault, em “A Arqueologia do Saber” (2008). Com base nesta noção foucaultiana, são visibilizadas as regularidades presentes no conjunto de sete filmes que fazem parte de seu *córpus*, “separando os estratos regulares entre eles e as cenas que indicam um *modus operandi* que regula a repetição de planos e sequências dos filmes” (MILANEZ, 2019, p. 113). O autor traz para a discussão as problematizações que Foucault empreende em “O Nascimento da Clínica” (1994), voltando seu olhar, tal qual a obra de Foucault, para os modos de visualização, verbalização e escuta no campo enunciativo do quadro cinematográfico.

O capítulo problematiza a contradição que se estabelece, por meio da repetição dos discursos presentes nos filmes, entre corpo e espírito. Neste capítulo, compreendemos que as produções fílmicas espíritas deixam emergir questões que tratam do que é ser nós

mesmos. “Pensar o espírito é um modo de cuidar de si próprio, é o espaço divino da independência e da autonomia sobre si” (MILANEZ, 2019, p. 135).

“Audiovisualidades: Elaborar com Foucault”, a própria obra de Nilton Milanez funciona por si só em um regime de audiovisualidades é uma obra imprescindível para todos os pesquisadores que se debruçam em compreender quem somos nós, a partir das audiovisualidades que se irrompem em nossa sociedade.

Referências

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o Corpo: Pensar com Foucault**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **O Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

_____. **A Arqueologia do Saber**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2008.

MILANEZ, Nilton. **Audiovisualidades: elaborar com Foucault**. Londrina: Eduel; Guarapuava: Ed. Unicentro, 2019.

_____; BARROS-CAIRO, Cecília; KHALIL, Marisa (orgs.). **Espaços, corpos e subjetividades insólitas e horríficas na literatura e no cinema**. 1. ed. Uberlândia: Dialogarts, 2015. v. 1.

_____; PRATES, Ciro; LUZ, Ceres (orgs.). **Sujeito e audiovisual: análise do discurso fílmico**. 1. ed. Vitória da Conquista, BA: Labedisco, 2013.

_____. **Discurso e imagem em movimento: o corpo horrorífico do vampiro no trailer**. São Carlos: Clara Luz, 2011.

_____. **Nilton Milanez**. Disponível em: <<http://nilton-milanez.blogspot.com/>>. Acesso em: 20 de set. de 2020.